



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

NAARA RODRIGUES QUEIROZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: O
PROFESSOR MEDIANDO A INTERAÇÃO DO ALUNO COM O LIVRO**

BRASÍLIA – DF

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

NAARA RODRIGUES QUEIROZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: O
PROFESSOR MEDIANDO A INTERAÇÃO DO ALUNO COM O LIVRO**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, como Requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

BRASÍLIA – DF
2013

Queiroz, Naara Rodrigues.

Letramento Literário no Ensino Fundamental I: o professor mediando a interação do aluno com o livro/ Naara Rodrigues Queiroz. – Brasília, 2013.

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013.

Orientadora: Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

1. Letramento 2. Letramento Literário 3. Leitura 4. Mediação Leitora

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NAARA RODRIGUES QUEIROZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: O
PROFESSOR MEDIANDO A INTERAÇÃO DO ALUNO COM O LIVRO**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, como Requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão Examinadora

Profª Drª Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Orientadora e Examinadora

Profª M.Sc. Miliane Nogueira Magalhães Benício
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

Thaís de Oliveira (UnB)
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me incentivaram nos estudos e nunca me deixaram desistir. Às professoras que tive, ao longo da vida escolar, que me apresentaram o livro como uma passagem de ida para um lugar mágico. E a todos os futuros educadores.

AGRADECIMENTOS

Mamãe e Papai – Agradeço por terem me proporcionado uma boa educação acadêmica, moral e religiosa. Vocês são os melhores pais do mundo inteiro. Eu os amo.

Rafinha – Você é a pessoa mais bondosa que eu conheço. “Rimão”, eu te amo e mesmo que você seja maior do que eu (em tamanho), vou sempre querer cuidar de você e te proteger (depois de implicar muito, é claro) como uma boa irmã mais velha deve fazer.

Adriano – Meu Príncipe. Eu quero poder te amar e fazer o bem todos os dias da minha vida (Provérbios 31:12). Você me faz muito feliz.

Vovó Nicinha e Vovô Eliabe; Vovó Vina e Vovô Juquinha (in memorian) – O que sou hoje tem muito de vocês. Obrigada por serem bons exemplos.

Aos meus tios, tias e primos (não nomearei todos, porque enfim... são muitos) – É muito bom fazer parte da mesma família que vocês. Agradeço a Deus pela vida de cada um. Mesmo sendo muitos, vocês são únicos para mim.

Às minhas primas (amigas-irmãs) – Muito obrigada pelo companheirismo, pelas alegrias que dividimos, pelas noites do pijama, pelas orações e por serem as irmãs que eu sempre quis ter.

À Lary – Prima, companheira, gêmea, amiga, irmã, BFF, terapeuta etc, etc e etc... Obrigada por me aguentar por todo esse tempo.

Às minhas amigas: Kamylla, Letícia, Amanda, Karina e Janaína – “Amizade não significa viver o tempo todo juntinho, mas significa, independente de estar perto ou longe, nunca esquecer um do outro”. E eu nunca vou me esquecer de vocês. Perto ou longe, eu sei que sempre poderemos contar com a amizade uma das outras.

Às amigas da graduação: Rose, Juliana, Jéssica, Dora, Jô e Mayra – Se hoje estou me formando, de alguma forma, vocês são responsáveis por isso. E eu agradeço à cada uma.

Às professoras e professores que tive ao longo da minha vida escolar e acadêmica – Muitíssimo obrigada pelas correções, sugestões, incentivos. Vocês todos contribuíram para a escolha da minha profissão. Em especial, agradeço à minha professora orientadora Paula Cobucci pela paciência e compromisso dispensados a mim.

E por último, mas o mais importante: agradeço a Deus. Eu sei que nenhuma palavra, nem nada do que eu fizer vai expressar o tamanho da gratidão que eu sinto por tudo o

que o Senhor já fez por mim, então, o mínimo que eu posso fazer é viver, todos os dias, com um coração agradecido. Obrigada por sua misericórdia que é nova a cada manhã, obrigada por me perdoar, por me amar, por ter morrido em meu lugar e por hoje eu poder viver e assim, te amar.

“Com convicção afirmo: se uma criança ou adolescente não vê seus pares usando o livro no dia-a-dia, sejam eles pais, professores ou tios, jamais verá motivos ou sentido para gostar de ler”.

(Arlinda Alves de Sousa)

RESUMO

O presente trabalho trata do papel do professor como mediador na interação do aluno com o livro. Para tanto, o referencial teórico aborda conceitos de letramento e letramento literário e, por conseguinte, coloca o professor como agente, promotor e mediador desse letramento, portanto, incentivador da leitura. Para que o objetivo proposto, que é analisar as estratégias de mediação leitora utilizadas pelo professor, no Ensino Fundamental I, ao apresentar o livro literário para os alunos, fosse alcançado, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho etnográfico em uma escola pública. Foram feitas observações em duas turmas de Ensino Fundamental I e como resultado foi possível concluir que os professores ainda não se valem de estratégias diversificadas para utilizar o livro literário em sala de aula e também trabalham com os alunos muitas atividades que contribuem para a alfabetização, mas não para o letramento.

Palavras-chave: Letramento. Letramento literário. Leitura. Mediação leitora

SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL	11
PARTE II – MONOGRAFIA	18
INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1 – REFERÊNCIAL TEÓRICO	21
1.1 Conceito de letramento.....	21
1.2 Letramento literário.....	24
1.3 Desenvolvendo o gosto pela leitura: o professor como mediador na interação do aluno com o livro.....	25
Capítulo 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	28
2.1 Metodologia utilizada.....	28
2.2 Contextualização da escola.....	29
2.3 Caracterização da turma.....	30
Capítulo 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
3.1 Descrição e análise das aulas observadas.....	31
3.2 Análise crítica das estratégias utilizadas pelos professores.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	51
REFERÊNCIAS	52

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

“Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!”

(Fanny Abramovich, 1997)

Meu nome é Naara, nasci em 10 de setembro de 1991, em Ceilândia, Região Administrativa XV de Brasília. Meus pais, Elionai e Sivaldo, se conheceram em 1988, em uma empresa de ônibus, onde trabalharam juntos. Dois anos depois, eles se casaram e é muito bom dizer que, na medida do possível, vivem felizes até hoje. Mamãe nasceu na Bahia e veio para Brasília com 7 anos, junto com meus avós que sonhavam com melhores condições de vida. Papai nasceu em Canápolis, interior de Minas Gerais. Começou a trabalhar muito cedo, com 15 anos de idade, mudando-se para a cidade de São Paulo-SP, vindo para Brasília em seguida. Meu irmão caçula se chama Rafael e, como já perceberam, é o único que tem nome “normal” aqui em casa.

Depois que papai e mamãe se casaram, em 1990, foram morar de aluguel na Chaparral, hoje conhecida como Nova QNL, em Taguatinga Norte. Quando eu nasci, vovó Nicinha (avó materna) cuidava de mim enquanto mamãe e papai saíam para trabalhar. Em 30 de maio de 1993, meu irmão Rafael veio ao mundo e, no mesmo dia, mamãe e papai receberam a notícia de que haviam ganhado um lote, felicidade em dobro. E então, em 9 janeiro de 1994, nos mudamos para a quadra 115 do Recanto das Emas. E onde fazemos morada até hoje. Depois que o Rafinha nasceu, mamãe parou de trabalhar e passou a cuidar de nós dois em tempo integral. Mais tarde, em 1996 ou 1997, mamãe passou a dar aulas de reforço para complementar a renda.

Quando eu completei 3 anos de idade, mamãe me matriculou no então Jardim de Infância. Lembro apenas que, na escola, tinham uns joguinhos de montar muito legais e não havia água para beber. Por esse motivo, no ano seguinte, mamãe me trouxe para uma escola mais perto de casa. Nessa escolinha, cursei o Jardim II e III e lembro-me muito bem da professora Cláudia que foi quem me alfabetizou.

No ano seguinte então, após a formatura do Jardim de Infância, fui para o Centro de Ensino Fundamental 115, conhecido como a escola de lata, pois era toda feita de

Zinco. Eu e mais alguns colegas da antiga escolinha fomos matriculados em uma turma de alfabetização (equivalente ao 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos), mas como já sabíamos ler e escrever, a professora nos passou para a 1ª série do Ensino Fundamental (equivalente ao 2º ano). Lembro-me de que a turma era bastante unida, até porque a maioria de nós morava perto da escola e, depois das aulas, tínhamos o costume de brincar na rua. Nossa professora se chamava Dora. Às sextas-feiras, deixava que levássemos brinquedos. Ela passou toda a turma da 1ª série direto para a 3ª, pois achava que a turma estava adiantada, e por mais um ano foi nossa professora.

Nessa época, eu me lembro que estava tendo um surto de piolho na escola. A professora Dora tinha um cabelo grande e cheio e acredito que, por esse motivo, resolveu “fazer um limpa” em todos da sala. Ela nos chamou até sua mesa e olhou a cabeça de um por um. Quando encontrava algum piolho ou lêndeia mandava um bilhete escrito no caderno pedindo aos pais que olhassem a cabeça de seus filhos e tomassem algum tipo de providência em relação aos piolhos. E eu fui uma dessas premiadas. Portanto, depois desse bilhete, mamãe se empenhou para exterminar essa praga da minha cabeça e eu, como qualquer criança normal, detestava aquela seção de caça ao piolho. Mas acontece que ler sempre me encantou. E quando mamãe me encurralava para catar piolho, eu precisava de uma distração, portanto me refugiava nos livros. Depois de muita luta e resistência, os piolhos foram vencidos e, por fim, o que restou na minha cabeça foi o gosto pela leitura.

Posso dizer com muita convicção que tive uma infância bem vivida. Nas férias, eu e minha prima Laryssa, íamos sempre para casa de nossa outra prima Tayanne em Brazlândia – DF. Nós inventávamos milhões de coisas para fazer: andávamos e conversávamos ao redor do lago, conhecido como Espelho d’água; íamos à sorveteria (não é propaganda, mas as melhores sorveterias são as de lá); víamos filme a madrugada toda enquanto comíamos muita “besteira” (lê-se gordices, que em outras palavras são: pizzas, chocolate, mais sorvete, doces, brigadeiro de panela, entre outras tantas “besteiras”. Não é por acaso que hoje em dia a Lary tem colesterol alto.); dormíamos muito; íamos ao parque de diversões que sempre coincidia de estar na cidade e tirávamos muitas fotos.

Essa época das férias de ir para Brazlândia era sempre a mais esperada por todas nós. E eu preciso confessar uma coisa aqui: eu amava ir para lá por todos esses motivos, mas por trás de tudo isso, sempre existiu uma segunda intenção. Os meus tios, pais da Taya, sempre incentivaram o gosto pela leitura, portanto sua casa era (e ainda é) abarrotada de livros, gibis etc. Então, quando eu ia para lá, me fazia com todo aquele universo literário. As

meninas sempre brigavam comigo, porque quando eu começava a ler não prestava atenção em mais nada, nem no que elas diziam. Então, pra não ficar por fora das “focacas” coisa e tal, eu deixava os gibis e os livros um pouquinho de lado. Mas, meu primo Bruno, irmão da Taya, só conseguia dormir ouvindo histórias. Portanto, meus tios compravam fitas cassete com narrações de histórias infantis e na hora de dormir, todos nós éramos embalados com histórias do Pequeno Polegar, João e o Pé-de-feijão, O gato de botas, Cinderela, entre tantas outras. Eu amava esses momentos. E enquanto a fita não acabava eu não conseguia dormir. Algumas vezes, o meu tio, que é um ótimo narrador e leitor voraz, contava histórias para nós e quando íamos dormir na casa dos meus avós, o Bruninho insistia para que meu avô também contasse uma história. Vovô sempre tinha muitas histórias para contar e até hoje, quando vamos visitá-lo ele nos surpreende com algumas delas.

Na 4ª série, a professora Ana Lígia nos fez “amadurecer”, ensinando-nos que deveríamos chamá-la de professora e não de tia. Com isso, ela estava nos preparando para a temível 5ª série. Mas, quando enfim chegou o ano seguinte, a 5ª série não me pareceu assim tão terrível quanto tinham dito. Na verdade, senti até um pouco de ansiedade para que as aulas começassem logo, pois nesse ano, finalmente, eu poderia usar canetas de todas as cores, cheiros e formatos e, mais do que isso, nesse ano eu poderia escolher um fichário ao em vez de caderno. Pronto! Eu já não era mais uma criança. Algum tipo de ritual de passagem deve ter acontecido entre a 4ª e a 5ª série sem eu perceber e eu, enfim, cresci.

A 6ª série foi o meu último ano no CEF 115. Mamãe, junto com outras mães de amigos meus, pensando em nos proporcionar uma educação de qualidade, resolveram nos mudar de escola. Não que a escola não nos oferecesse uma educação de qualidade, mas é que muitas vezes a estrutura física da escola acabava atrapalhando. Por exemplo, quando chovia as aulas eram interrompidas por conta do barulho que fazia e também tínhamos que nos afastar das paredes, para não corrermos o risco de choque elétrico, caso algum raio caísse por ali. Quando fazia muito calor, éramos dispensados, porque a escola virava praticamente um forno. Também não tínhamos acesso à biblioteca, o que era uma pena. A biblioteca era um depósito onde livros didáticos e literários eram esquecidos.

Em 2003 então, comecei a estudar no Centro de Ensino Fundamental Caseb, na 909 Sul. Lá, cursei a 7ª e a 8ª série, concluindo, assim, o Ensino Fundamental.

Quando descobri que no Caseb tinha biblioteca e mais do que isso, que nós alunos podíamos utilizá-la, tratei logo de fazer minha ficha. Eu e minha prima Talita, que também mudou do CEF 115 para o Caseb e que também é fissurada por livros, não saíamos

de lá. Na minha cabeça limitada de leitora a Biblioteca Cecília Meireles (este é o nome da biblioteca do Caseb) era o paraíso. Até que descobrimos que a poucas quadras dali, na 506/507 Sul, havia (e ainda há) a Biblioteca Demonstrativa de Brasília. Até hoje, sou frequentadora assídua dessa biblioteca e preciso deixar aqui registrado que os melhores livros, os melhores gibis e os funcionários mais educados e compreensivos estão lá. Hilda Lontra (2006, p. 81) diz que “ser sócia é ser proprietária” e é assim que eu me sinto em relação a ser sócia da Demonstrativa.

Uma professora que tive na 7ª série contribuiu bastante para que eu continuasse gostando de ler. Ela se chamava Marinalva e foi minha professora de português. Na sala de aula, havia um armário com livros variados e toda sexta-feira era o dia da leitura. Líamos diversos livros e no fim do bimestre escolhíamos um desses para fazer uma resenha. Ela nos apresentou o livro de forma lúdica e fez com que eu reforçasse a ideia de leitura como sendo uma prática prazerosa.

Na 8ª série eu me dediquei um pouco mais aos estudos, pois no final do ano, os melhores alunos estariam concorrendo a bolsas de estudos oferecidas pelo Colégio Planalto. Acredito que o esforço tenha valido à pena, porque nesse ano eu ganhei meu primeiro e único dez em matemática e, no fim do ano, fui uma das alunas contempladas com a bolsa de estudos. Aqui em casa foi uma alegria só, papai ficou todo orgulhoso e mamãe até chorou. E eu? Bom, eu era a ansiedade em pessoa e estava mais do que agradecida a Deus por essa oportunidade.

Primeiro dia de aula no Ensino Médio, lembro como se fosse ontem. Vários amigos conhecidos da antiga escola e pela primeira vez em toda a minha história de primeiros dias de aula, fui para a escola sem a companhia de papai ou mamãe. Confesso que senti falta, mas acho que isso deve ter-me feito amadurecer um pouquinho.

Fiz o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio no Colégio Planalto e foram anos muito bons.

Tive uma professora incrível de Literatura, Adriana era o nome dela, mas a chamávamos carinhosamente de tia Adri. Estava estampado em seu rosto o quanto ela gostava de dar aulas. Sempre que possível ela nos contava histórias épicas como Rei Arthur, Brumas de Avalon, Tróia e, claro, como uma boa professora de literatura, ela não deixou de fora os clássicos brasileiros como Iracema, Dom Casmurro, Primo Basílio, O Cortiço, entre outros. Todos nós ficávamos ansiosos pela próxima história. Ela também nos fazia ler. Todo bimestre tínhamos uma prova sobre um dos livros obrigatórios para o PAS (Programa de Avaliação

Seriado) e, portanto, tínhamos que lê-los. Mas antes, tia Adri aguçava nossa curiosidade e, então, ler não parecia mais uma tarefa tão cansativa e o peso da palavra “obrigatório” ficava mais leve.

Nessa escola fiz amigas que vou levar para a vida toda. Janaína, a mais velha do nosso grupinho, sempre foi a mais “adulta” e por isso nunca teve muita paciência com as nossas brincadeiras, mas mesmo assim nos aceitou e o nosso grupo não seria o mesmo sem ela. Amanda era também conhecida como PC, cuja sigla não importa o significado, pois esse tempo já se foi e hoje em dia ela não faz mais isso (eu espero que não) e nem gosta quando a chamamos assim, mas enfim, tempos da escola. Karina, a mais quietinha e estudiosa de todas nós. Sempre fazia o dever de inglês e depois nos emprestava. Hoje em dia ela é quase *expert* em inglês graças a nós. Letícia, com quem eu me identifiquei desde a primeira vez que conversei. E se eu gosto de livros hoje em dia, ela tem uma culpa gigantesca. E por último, mas não menos importante, minha amiga Kamylla, que estudou comigo desde a 4ª série e sempre me acompanhou nessas peregrinações de escola em escola.

Em 2006, quando eu estava no segundo ano, a escola começou a apresentar problemas financeiros. Muitos professores não iam trabalhar por falta de pagamento e, portanto, ficávamos com muitos horários vagos. Então, no terceiro ano, eu e minha amiga Letícia, nos mudamos para o Centro de Ensino Médio Elefante Branco. E eu vou dizer uma coisa para vocês: não há nada pior do que mudar de escola no último ano do ensino médio, quando todos os outros grupinhos já estão formados e por isso é difícil fazer amizade. Mas enfim, eu sobrevivi. E devo dizer também que sou muito dramática e que no fim não foi tão ruim assim. Talvez o primeiro dia de aula tenha sido, mas depois tudo acabou se ajeitando e eu acabei gostando bastante da escola.

Com o meu irmão e eu crescidos, mamãe resolveu, em 2007, que era hora de retomar os estudos. Fez o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), depois se inscreveu no ProUni (Programa Universidade para todos) e foi contemplada com 50% da bolsa na Faculdade Evangélica de Taguatinga no curso de Letras.

Em 2008, depois do fim do Ensino Médio, eu me dediquei a outras coisas, pois queria um tempinho para pensar e refletir sobre o que fazer e que rumo tomar. Na metade do ano, então, me inscrevi no ProUni com a nota do ENEM, e depois de muito pensar, orar e “rever minhas habilidades” optei pelo curso de pedagogia. Fui contemplada na mesma faculdade onde mamãe cursava Letras. E a cada aula eu me apaixonava mais pelo curso. No terceiro semestre, eu tive uma matéria chamada Fundamentos da Educação Infantil. A

professora era muito boa e mesmo não demonstrando tanto entusiasmo pela área, eu me encantei.

Minha amiga Letícia, que estava cursando Pedagogia na Universidade de Brasília, me incentivou a fazer a prova de Transferência Facultativa. No começo eu fui um pouco resistente à ideia, porque pra mim, estudar na UnB sempre foi uma possibilidade muito remota e quase impossível. Eu conversei com algumas amigas da Faculdade Evangélica e uma delas, a Rose, estava super empolgada e até já tinha separado os documentos necessários para a inscrição. E eu então, me rendi e acabei comprando a ideia. Fizemos a prova de Transferência para o primeiro semestre de 2010 e acabamos passando. E eu só posso dizer que foi tudo muito surreal, assim como tudo o que Deus faz é. Ele sempre pensou o melhor para mim e aqui estou eu hoje em dia, prestes a me formar em uma das melhores Universidades do Brasil. E eu só posso agradecer e reconhecer que os planos dEle sempre foram maiores do que os meus.

No final de 2010, mais uma alegria. Mamãe concluiu seu curso, formando-se em Letras - Português pela Faculdade Evangélica de Brasília. Não existem palavras suficientes para descrever o orgulho que senti e a felicidade em que ela se encontrava por mais essa conquista.

Na UnB tive professores e professoras incríveis que não esquecerei:

O Professor Eduardo Ravagni, de Educando com Necessidades Educacionais Especiais, me fez ter um novo olhar sobre as pessoas, todas elas, com ou sem necessidade especial.

A professora Edeilce Buzar, de Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE. Cursei essa disciplina na mesma época em que fiz um estágio com duas crianças com Necessidades Educacionais Especiais. A disciplina e, principalmente, a professora, me auxiliaram bastante e acabei me apaixonando por essa área.

As professoras Teresa Cristina com quem fiz Projeto 3, Stella Maris, de Língua Materna, Nirce de Educação de Adultos, também ficarão na minha memória.

Professor José Vieira, de Avaliação nas Organizações Educativas, que mesmo com sua fama de carrasco provou ser um professor justo, correto e compreensivo.

Não tive a oportunidade de ter aulas com o professor Renato Hilário, mas tive o prazer de poder conhecê-lo em uma das aulas da professora Nirce. Em um dia, este homem me deu todo o ânimo que eu procurei durante todo o semestre.

A professora Ana Dilma, com quem fiz Literatura e Educação e também o Projeto 4 fase 2. Ela demonstra uma paixão tão grande pelo que faz que acaba nos contagiando.

A professora Miliane, de Oficina de Formação do Professor Leitor-Escritor. A professora conduzia a aula de tal forma, que todos nós, nos sentíamos confortabilíssimos ao compartilhar os textos que escrevíamos. O mais importante, foi que, nessa disciplina aprendemos a calar o policial escritor que vive dentro de nós e que muitas vezes nos impede de nos expressarmos e, a partir de então, passamos a dar voz ao nosso eu-leitor-escritor. Essa foi a última disciplina que tive na Universidade de Brasília e posso dizer que, com ela, encerrei o curso com chave de ouro.

Por fim, mas não menos importante. Aos 45 minutos do segundo tempo, tive o prazer de conhecer a professora Paula Cobucci que, muito solícita, aceitou o meu pedido para ser a minha orientadora nesse trabalho de pesquisa.

Em março desse ano – 2013, conheci um príncipe. Sim, ele é um príncipe principalmente por ser filho do Rei dos reis e porque enfim, depois de tanto ler Jane Austen, Meg Cabot e Nicholas Sparks, eu descobri que não nos custa sonhar e esperar. E meninas, eles existem sim. O meu príncipe não chegou em nenhum cavalo branco e nem me salvou de nenhuma bruxa malvada, mas melhor do que isso, ele também gosta de livros.

Depois de tudo o que foi relatado só me resta encerrar com as palavras do apóstolo Paulo aos Efésios, capítulo 3, versículo 20, que descreve com exatidão o que eu sinto: “Agora, glória seja dada a Deus, que pelo seu grandioso poder operando em nós é capaz de fazer muito mais do que nós jamais ousaríamos pedir ou mesmo imaginar, infinitamente além de nossas mais sublimes orações, anseios, pensamentos ou esperanças” (A Bíblia Viva).

PARTE II – MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

No decorrer da minha trajetória como estudante, percebi que alguns de meus professores e professoras sempre estiveram presentes desempenhando um papel fundamental em relação à mediação leitora. Ou seja, descobri que, se hoje em dia, eu me interessar por livros literários e os procuro por vontade própria é porque tive bons exemplos de professores leitores que em determinados momentos de minha vida escolar mediaram meu encontro com o livro literário.

Em um primeiro momento pensei para essa monografia o título “Letramento Literário: o professor mediando o encontro do aluno com o livro”. Mas a palavra *encontro*, a meu ver, não expressava o significado que eu queria dar a relação que acontece entre o aluno e o livro. Pois, subentende-se que haja uma troca, ou seja, uma interação. Aí está a palavra que descreve quase que com perfeição a relação que deve existir entre livro e leitor: *interação*. E vai mais além, se analisarmos cuidadosamente, perceberemos que essa palavra se assemelha de certa forma, ao letramento literário. Como bem coloca Paulino (*apud* PINHEIRO, 2004, p. 56) “a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres”. Em outras palavras, um leitor letrado literariamente saberá interagir com o que está sendo ou já foi lido.

O letramento literário não é obrigatoriamente função apenas da escola, mas assim como outras formas de letramento, passa por ela. O professor, portanto, como um dos personagens principais dessa trama, deve agir como mediador nessa interação do aluno com o livro. Sendo também promotor de leitura, aproveitando as oportunidades que surgirem para incentivar seus alunos a lerem sempre.

Foi pensando em tudo isso que surgiu o tema deste trabalho de conclusão de curso: “Letramento literário no Ensino Fundamental I: o professor mediando a interação do aluno com o livro”.

Na sociedade em que vivemos é muito importante que se saiba ler. Pois precisamos da leitura para saber o itinerário de um ônibus, verificar as contas que nos chegam mensalmente, ler a bula de um remédio, o rótulo de um produto, entre muitas outras coisas. E há também a questão da autoestima. Nenhuma pessoa diz olhando nos seus olhos que não é

alfabetizada. Seja por crianças ou por adultos, essa declaração é sempre feita de cabeça baixa. Em contrapartida, é quase impossível descrever a alegria de uma criança ou mesmo de um adulto ao começar a ler as primeiras palavras. Depois disso, passam a se sentir inseridos não somente no mundo da escrita, mas também na sociedade, passam a se enxergar como cidadãos.

A escola deve ser um lugar que privilegia a leitura e o professor em conjunto com a comunidade acadêmica pode mostrar aos alunos que o livro pode ser um instrumento de diversão. O professor deve motivar a prática da leitura para que seus alunos, de fato, se envolvam com o que estão lendo a ponto de quase confundirem o real e o imaginário de seus livros literários. A leitura deve ser um momento de diversão, de imaginar e de dar asas para essa imaginação. A leitura deve ser como uma nave espacial e o livro um planeta ainda desconhecido onde pousaremos, o professor é o piloto e os alunos os viajantes curiosos e ávidos por novas aventuras.

Mas por que fazer com que se apaixonem pelos livros? Como incentivá-los a embarcar nessa viagem rumo ao conhecimento, rumo a esse novo mundo? O professor como piloto, deve ter em mente que, antes de qualquer coisa, ele próprio precisa ter-se apaixonado por esse hábito e o próximo passo, então, será o de bolar estratégias que farão com que, de alguma forma, os alunos se interessem por esse hábito e depois disso nunca mais o abandone.

O “por que fazer?” é simples. Alunos que leem são alunos críticos socialmente, atentos ao mundo que os cercam e mais, são alunos que sabem utilizar com êxito a ferramenta da imaginação. Um aluno que tem a leitura como prática frequente será um aluno que se expressa bem e será um ganho não somente para o professor, mas também para toda a sociedade.

Portanto, essa pesquisa se justifica pela relevância do tema no contexto da educação na sociedade brasileira atual. Pode contribuir, também, para conscientizar e inspirar outros educadores a passarem a trabalhar o livro literário em sala de aula. Espera-se principalmente que, esse trabalho de conclusão de curso, leve esses educadores a continuarem pesquisando sobre o tema e mais do que isso, que a partir das descobertas que fizerem a respeito das vantagens de se trabalhar o livro literário com seus alunos, a teoria da pesquisa se torne prática frequente. Assim sendo, estaremos todos, contribuindo para que a qualidade da educação brasileira aumente.

O objetivo principal deste trabalho é analisar as estratégias de mediação leitora utilizadas pelo professor, no Ensino Fundamental I, ao apresentar livros literários para os alunos.

Os objetivos específicos são:

1. Observar se o modo como o professor apresenta o livro colabora para o processo de letramento literário dos alunos;
2. Averiguar quais as estratégias utilizadas pelo professor para trabalhar com livros literários em sala de aula.

A asserção principal deste trabalho é o trabalho com livros literários, em sala de aula no Ensino Fundamental I, tenderá a colaborar para o processo de letramento literário dos alunos sempre que o professor se utilizar de meios que proporcionem a interação do aluno com o livro.

As asserções específicas são:

1. O livro didático e alguns textos paradidáticos são os únicos materiais de leitura utilizados em sala de aula;
2. O livro literário não é muito utilizado pelos professores. Estes, raramente se valem de estratégias para trabalhá-lo, mas uma estratégia muito utilizada é levar os alunos à biblioteca ou à sala de leitura.

O presente trabalho está estruturado em três partes. A primeira parte é dedicada ao memorial educativo, no qual narro minha trajetória escolar e minhas experiências como leitora.

A segunda parte é a monografia em si e está dividida em três capítulos. No capítulo um, discuto o referencial teórico, abordando conceitos importantes como letramento e letramento literário. Também apresento uma breve reflexão sobre o professor como mediador na interação do aluno com o livro, afirmando ainda, que cabe a ele a missão de estimular e incentivar em seus educandos o gosto pela leitura. No capítulo dois contextualizo a pesquisa descrevendo a metodologia utilizada, caracterizando o cenário pedagógico e os sujeitos envolvidos. No capítulo três, então, analiso e discuto os resultados da pesquisa atribuindo meu olhar como pesquisadora. E por fim, encerro com as considerações finais sobre o tema.

Na terceira e última parte, denominada perspectivas profissionais, encerro, descrevendo brevemente, sobre minhas intenções futuras como pedagoga.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Conceito de letramento

Letramento é um conceito que surge no Brasil, no contexto da Educação e das Ciências Linguísticas, na segunda metade dos anos de 1980. Especula-se que esse termo tenha sido usado pela primeira vez pela doutora em Linguística Mary Kato, em 1986.

Etimologicamente, letramento origina-se da tradução para o Português da palavra inglesa *literacy*, que deriva “do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser [...]. Ou seja, *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. (SOARES, 2000, p. 17) No português acontece o mesmo, pois a palavra *letra* resulta do latim *littera*, ao que foi acrescentado o sufixo *-mento* que refere-se ao resultado de uma ação. Portanto, letramento é “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. (SOARES, 2000, p. 39). Isso quer dizer que, tornar-se letrado é muito mais do que simplesmente saber ler e escrever, ou seja, ser alfabetizado.

Uma pessoa pode ser analfabeta¹, ou seja, não conhecer o alfabeto e, portanto, não sabe ler e escrever, contudo ser letrada, quando, por exemplo, pede a alguém que escreva um bilhete, uma carta ou um email e ao ditar o que será escrito utiliza-se das convenções e estruturas linguísticas características da língua escrita. Ou seja, não sabe escrever, mas compreende as funções da escrita. Ou mesmo, uma criança que sem saber ler manuseia livros e simula contar a história e para tanto se utiliza das normas da narrativa escrita. São, portanto,

¹ Segundo o IBGE (Instituto de Geografia e Estatística), analfabeta é a “pessoa que não sabe ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhece”. Magda Soares (2000, p. 55) nos diz que o Censo, até a década de 40 definia o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado, perguntando-lhe se sabia assinar o nome, pois até então, era o que a sociedade exigia, afim de que a pessoa soubesse escrever o nome apenas para votar ou assinar um contrato de trabalho. A partir dos anos 40 então, o Censo passa a perguntar ao indivíduo se este sabe ler e escrever um bilhete simples. A modificação da pergunta demonstra que houve um avanço, indicando certa preocupação com os usos sociais da leitura e da escrita, o que, de certa forma, se aproxima do conceito de letramento.

O Instituto Paulo Montenegro, que é uma organização sem fins lucrativos e que tem por objetivo desenvolver e executar projetos na área da Educação, define analfabeto o indivíduo que “corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc)”.

consideradas letradas, pois participam de práticas de leitura e escrita. É importante notar que essas pessoas precisarão de um intermediário, alguém que seja alfabetizado, que já possua as tecnologias de ler e escrever. O contrário também pode acontecer, quando um indivíduo já alfabetizado, tem dificuldade em interpretar um texto ou escrever uma carta, email etc, ou seja, pode-se dizer que esse indivíduo ainda não se tornou letrado. Segundo Marlene Carvalho (2011),

tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores, refletindo sobre o que eles nos dizem e comparando as suas com as nossas ideias (p. 70 e 71).

Em outras palavras, tornar-se letrado é inserir-se no mundo da leitura e da escrita e, a partir de então, apropriar-se de tais tecnologias a fim de que seja de alguma forma, impactado por essa ação. Pois supõe-se que seja possível que a leitura e a escrita transformem o indivíduo, conduzindo-o a “um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (SOARES, 2000, p. 38)

No livro “Letramento: um tema em três gêneros” (2000, p. 41), Magda Soares traz um poema² de Kate M. Chong, uma aluna norte-americana, de origem asiática, que definiu letramento em forma de poesia:

O que é Letramento?

*Letramento não é um gancho
Em que se pendura cada som enunciado
Não é treinamento repetitivo
De uma habilidade,
Nem um martelo
Quebrando blocos de gramática.*

² O poema foi devidamente adaptado e traduzido para o português brasileiro por Magda Soares. A referência do livro em que o poema foi originalmente publicado é: McLAUGHKIN, M. & VOGT, M.E. *Portfolios in Teacher Education*. Newark, De: International Reading Association, 1996.

*Letramento é diversão
É leitura à luz de vela
Ou lá fora, à luz do sol.*

*São notícias sobre o presidente,
O tempo, os artistas da TV
E mesmo Mônica e Cebolinha
Nos jornais de domingo.*

*É uma receita de biscoito,
Uma lista de compras, recados colados na geladeira,
Um bilhete de amor,
Telegrama de parabéns e cartas
De velhos amigos.*

*É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.*

*É um atlas do mundo,
Sinais de trânsito, caças ao tesouro,
Manuais, instruções, guias,
E orientações em bulas de remédios,
Para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo,
Um mapa do coração do homem,
Um mapa de quem você é,
E de tudo que você pode ser.*

De forma bem resumida, o que o poema está querendo dizer é que letramento é muito mais do que alfabetização, ou seja, é mais do que um “treinamento repetitivo de uma habilidade”. Letramento é um divertimento, um prazer. É poder escolher o lugar onde se quer

ler. É informar-se, seguir instruções por meio da leitura de receitas, atlas, guias etc. É viajar para lugares desconhecidos, sem deixar o lugar onde se está lendo. Por fim, letramento é descobrir-se por meio da leitura e da escrita e ainda, por meio destes instrumentos, descobrir o que você pode vir a ser (SOARES, 2000, p. 42-43).

Portanto, é preciso que se entenda que alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inerentes. Não se trata de escolher entre um e outro. Magda Soares (2000) nos diz que “o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo *alfabetizado e letrado*” (p.47). A alfabetização sem o letramento será uma ação em vão e vice versa se em seguida, a leitura e a escrita não tiverem uma função social (CARVALHO, 2011, p. 69). A alfabetização deve, pois, ter sentido, uso e função para o indivíduo e isso será possível por meio do letramento.

Em sua tese de doutorado, Marta Passos Pinheiro (2006, p. 25) citando Magda Soares (2001, p. 48-49) diz que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural”, o que nos sugere falar de tipos de letramento ou letramentos, no plural.

1.2 Letramento Literário

Em meio aos diversos tipos e níveis de letramento, há o letramento literário. E como o próprio nome sugere esse tipo de letramento só será alcançado por meio da leitura de obras literárias. Mas não para por aí, vai além da leitura. Cosson (2009, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 20) diz que ser um leitor letrado “é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária”.

O leitor literário, então, será capaz de ler e viver o mundo à sua maneira. Posicionando-se de forma crítica diante do que se está lendo. Thaís de Oliveira (2012), em sua dissertação de mestrado, nos diz que o letramento literário

[...] ocorre, ainda, quando o leitor sente grande necessidade da leitura literária. Uma pessoa letrada em literatura lerá, mesmo fora da escola, lerá, mesmo sem haver obrigação, lerá, por prazer, lerá, pelo simples fato de sentir necessidade de estar em contato com obras literárias. Uma pessoa que, ao longo de sua fase escolar, não desenvolver o letramento literário,

certamente, abandonará o hábito da leitura de obras de literatura quando terminar a obrigatoriedade dessa atividade. Já o leitor letrado será ávido leitor sempre, pois terá desenvolvido sua autonomia leitora, e lerá com fruição e criticidade, pelo fato de ter estimulado sua competência leitora ao longo de sua constituição como leitor. Mas isso ocorrerá, provavelmente, pelo fato de esse leitor ter tido boas mediações leitoras e bons professores incentivadores (p. 20 e 21).

Diante do que foi exposto acima, é possível perceber a complexidade e a importância do papel da escola e, conseqüentemente, do professor como mediador do processo de letramento literário dos educandos e prováveis leitores.

1.3 Desenvolvendo o gosto pela leitura: O professor como mediador na interação do aluno com o livro

Não trataremos aqui de fórmulas mágicas ou receitas prontas que farão com que os educandos passem a gostar de ler de uma hora para outra. Neste tópico, pretendemos, antes de tudo, promover a conscientização dos professores sobre a importância de se trabalhar o livro literário nas salas de aula e, mais do que isso ainda, conscientizá-los de que é preciso e possível despertar a necessidade de ler nos alunos.

Kleiman (2005, *apud* SOUZA; SERAFIM, 2012, p. 24) fazendo referência “aos professores em formação inicial ou continuada, que utilizam de forma independente, flexível e consciente as práticas socialmente legitimadas dos usos da escrita”, introduz o termo *agente de letramento*. Os educadores como agentes de letramento, devem buscar estratégias para atingir o letramento literário de seus alunos. Porém, antes que se pense em estratégias é preciso que o próprio professor tenha tido uma experiência significativa com o livro literário, pois sua experiência como leitor tende a influenciar de forma positiva ou negativa a forma como ele irá incitar seus alunos a lerem. Oliveira (2012, p. 43) confirma essa afirmação quando diz que “a experiência leitora do professor reflete-se diretamente no desenvolvimento de seu trabalho em sala de aula, considerando que esse educador tenha como finalidade a formação de novos leitores”.

Cabe ao professor a missão de estimular e incentivar o gosto pela leitura. E para tanto, é preciso que ele próprio reveja e repense seus hábitos leitores. “Deve-se ter em vista que ler é mais do que uma atividade mecânica e obrigatória, o ato de ler deve ser voluntário e prazeroso. Quando o mediador da leitura pensa assim, o estímulo desse mesmo

raciocínio em seus estudantes torna-se algo mais fácil de ser alcançado” (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

Uma importante estratégia de incentivo à leitura que pode ser usada pelos educadores é a contação de histórias. As histórias mexem com o imaginário das crianças e suscitam a curiosidade, fazendo-as querer conhecer o livro. Fanny Abramovich (1997, p. 16) afirma que escutar histórias “é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”.

O narrador da história é como um cúmplice, pois ele e o/os ouvinte/es estão partilhando um momento único. E para tanto é imprescindível ter lido o livro anteriormente para que esteja familiarizado com a história, pois este momento não deve ser feito de qualquer jeito. Afinal, o nosso objetivo como educadores e mediadores é o de incentivar os ouvintes, no caso, os alunos, a quererem ler por conta própria e, portanto, eles devem gostar do que estão ouvindo e da forma como está sendo passado.

Outra estratégia interessante, muito utilizada e bastante simples é levar os alunos até a biblioteca da escola ou à sala de leitura e deixar que eles manuseiem e escolham o livro que vão querer ler. É importante que o professor faça isso: que os deixe escolher, que deixe que os alunos interajam com o livro. Pois assim, estarão também os incentivando a serem leitores autônomos e a questão da obrigatoriedade de leitura, que muitas vezes causa aversão nos alunos, pode ser evitada.

O professor como mediador e já fluente na arte de ler livros literários pode também sugerir as obras literárias das quais mais gostou. Oliveira (2012, p. 43) citando Aidan Chambers (1997 *apud* COLOMER, 2007, p.101) faz uma excelente colocação dizendo que

Quando nosso melhor amigo nos diz que leu um livro maravilhoso e pensa que nós também devemos lê-lo, o que faz para ajudar-nos a começar é dizer-nos o que nele encontrou. Assim, nos familiariza com esse livro novo e, por isso, ameaçador. Diz-nos algo sobre seu enredo. Indica quais são as partes emocionantes. Diz-nos com que outros livros se parece, livros que ele sabe que já lemos. E compara-os ou fala sobre suas diferenças. São similares nestes aspectos, diz, e diferentes nestes outros. Também prepara-nos para as dificuldades. ‘Siga adiante até o terceiro capítulo’, pode dizer-nos o amigo, ‘é difícil até esse ponto, mas depois você não poderá parar’. Em outras palavras, convence-nos a ler o livro por nós mesmos. Isso é, exatamente, o que os melhores promotores de leitura fazem sempre: convencer-nos a ler.

E assim deve ser o professor-mediador: como um melhor amigo, um promotor de leitura. Ele deve ser cúmplice na leitura, incentivando seus alunos e transmitindo-lhes

confiança. Só assim a leitura tomará um papel importante na vida dos educandos, deixando de ser uma prática cansativa e tediosa, como é para alguns.

Existem outras incontáveis estratégias para o incentivo à leitura, mas nosso objetivo não é enumerá-las. Cabe ao professor escolher ou criar uma estratégia e depois disso adaptá-la ao seu contexto.

Capítulo 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1 Metodologia utilizada

Classificar pesquisas contribui para que haja um melhor entendimento e organização dos fatos. Assim sendo, a presente pesquisa está sob o enfoque da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

Bortoni-Ricardo (2008, p. 38) explica que

O termo etnografia foi cunhado por antropólogos no final do século XIX para se referirem a monografias que vinham sendo escritas sobre os modos de vida de povos até então desconhecidos na cultura ocidental. A palavra se compõe de dois radicais do grego: *ethnoi*, que em grego antigo significa “os outros”, “os não gregos” e *graphos* que quer dizer “escrita” ou “registro”.

Em outras palavras, a pesquisa etnográfica tem como objetivo, estudar as pessoas e seus modos de vida, no ambiente ao qual fazem parte. Para isso os pesquisadores precisam selecionar o grupo, organização ou comunidade a qual desejam estudar e, em seguida, iniciar o processo de entrada em campo. Gil (2010) considera que o processo de entrada em campo em uma pesquisa etnográfica é crucial e deve ser facilitado mediante um intermediário, de preferência um dos membros que tenha credibilidade perante o grupo a ser pesquisado. No caso desta pesquisa, a comunidade escolhida foi o Centro de Ensino Fundamental 115, no Recanto das Emas e tivemos como facilitadora para a entrada em campo a Coordenadora Pedagógica da escola.

Na pesquisa etnográfica, o próximo passo após a entrada em campo será o da coleta de dados. Neste trabalho, foi utilizado o método da observação participante “que se caracteriza pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, com a finalidade de obter informações acerca da realidade vivenciada pelas pessoas em seus próprios contextos (GIL, 2010. p. 129)”. No decorrer das observações feitas em salas de aula foi possível elaborar um diário de bordo, no qual se propôs relatar diariamente o cotidiano, expressões e ações que pudessem contribuir para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados. Posteriormente, com base nos relatos do diário de bordo, foram feitas a análise e discussão dos resultados.

2.2 Contextualização da escola

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental 115, escola pública localizada na Região Administrativa do Recanto das Emas – DF, situada em área urbana, próxima à avenida principal, atrás da Igreja Universal. E atende a comunidade das quadras 115, 116 e ainda 310.

Foi criada em 29 de setembro 1994 com o objetivo de atender a uma clientela “carente”. Era conhecida como a escola de lata, pois sua estrutura era de zinco. Foi construída provisoriamente e de forma emergencial para atender a demanda que era enorme. Só para se ter uma ideia, relato que, naquele ano, o CEF 115 encaminhava 750 alunos para o CAIC do Gama. A escola provisória perdurou por aproximadamente 9 anos, atendendo tanto a clientela interna, como a externa, pois, havia sempre que possível eventos de igrejas que necessitavam das dependências, mesmo sendo precárias. Até que em outubro de 2003 mudou-se, também temporariamente para o prédio do Centro de Ensino Fundamental 113.

O CEF 115 funcionou em caráter emergencial em duas escolas: o CEF 115 e o CEF 113, onde eram atendidos todos os seguimentos da Educação Básica, inclusive o EJA, o Ensino Especial e turmas de Aceleração.

No dia 22 de junho de 2007, o CEF 115 foi inaugurado e naquele mesmo dia os discentes e servidores transferiram-se para o novo prédio e levando também o mobiliário. Esse novo prédio do CEF 115 é todo construído em Alvenaria. A escola está adaptada, com um elevador e dois banheiros, para pessoas com necessidades especiais de locomoção.

Possui dezesseis salas de aula, quinze no segundo andar e apenas uma no térreo. Todas muito bem iluminadas, com grandes janelas que contribuem, também, para a ventilação.

Na escola há uma sala da direção, uma de coordenação pedagógica, e uma sala de orientação educacional. Há ainda uma sala de professores que é bem arejada, com grandes janelas.

Para atendimento aos alunos, existem duas salas de reforço, uma sala de leitura e ainda uma sala para recreação com tabuleiros de xadrez, entre outros objetos que podem ser utilizados pelos alunos.

Possui 6 banheiros para os discentes, secretaria e dependência. São Três banheiros em cada andar, um masculino e um feminino e um para deficientes físicos.

Na escola há uma quadra de esportes descoberta e o pátio interno com uma parte descoberta e outra coberta, onde funciona a cantina.

O lanche não é servido nas salas. Na hora do intervalo os professores descem em fila com os alunos deixando-os na cantina, que fica no pátio. Lá eles pegam o lanche e sentam-se no chão, pois na escola não há um refeitório.

No recreio alguns brinquedos ficam disponíveis para as crianças no pátio, como: bambolê, corda, uma tabela de basquete e ainda uma mesa de pingue-pongue. As coordenadoras ficam no pátio observando as crianças e chamam a atenção quando necessário. Enquanto isso os professores ficam na sala dos professores.

2.3 Caracterização da turma

Foram duas turmas observadas, no período do dia 15 de Fevereiro ao dia primeiro de Março de 2013. A primeira turma foi o 4º e a segunda o 3º ano do Ensino Fundamental I, no turno vespertino. A escolha das turmas foi feita de forma aleatória pela coordenadora pedagógica da escola e, de minha parte, escolhi observar duas séries diferentes para que a pesquisa ficasse mais rica. Por motivos maiores, não pude passar em todas as séries.

O 4º ano é composto por trinta e cinco alunos com idade entre 8 e 11 anos. Um desses alunos é diagnosticado com déficit de atenção, portanto o professor confere um pouco mais de atenção a ele chamando-o pelo nome sempre que este se dispersa. No geral, a turma parece ser tranquila, mas é importante lembrar que eles estavam nos primeiros dias de aula. Alguns poucos alunos apresentam dificuldade na hora de ler.

No 3º ano são trinta e três alunos com idade entre 7 e 10 anos. Na sala, também há um aluno diagnosticado com déficit de atenção, este aluno ainda não está alfabetizado (não lia, nem escrevia, mas copiava, com dificuldade, algumas coisas do quadro se estas estivessem escritas em caixa alta). Nos dias em que estive presente a professora não dispensou atenção especial a ele.

Ambos os professores não utilizaram a sala de leitura enquanto estive presente. Cabe lembrar, mais uma vez, que estavam na primeira semana de aula, portanto, os horários de utilização da sala de leitura ainda não haviam sido definidos.

Capítulo 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Descrição e análise das aulas observadas

Dia 15/02/2013 (sexta-feira) – Primeiro dia de observação

Na primeira visita à escola, dia 15 de fevereiro de 2013, fui recebida pela coordenadora pedagógica, que me apresentou ao professor regente do 4º ano A. E este, muito atenciosamente, me apresentou aos alunos. Sentei-me no fundo da sala e dei início à observação. São 35 alunos matriculados com idade entre 8 e 11 anos.

Hoje o horário será reduzido, portanto a aula se encerrará às 16h.

Quando cheguei à sala a aula já havia começado. O professor estava lendo um texto com a turma intitulado “Carta aberta da escola” de autor desconhecido. Eis o texto completo:

QUERIDOS ALUNOS

Pela primeira vez resolvo bater um papo aberto e franco com você.

Sou a escola, onde passa os mais tenros dias de sua vida e neste diálogo quero que passe a me compreender melhor.

Repare nos meus objetos, não os destrua porque são partes fundamentais do meu organismo.

Não quebre as minhas janelas, são a minha visão e a minha respiração.

Machuca-me muito quando risca as minhas paredes, sinto como se fosse dor na própria pele.

Peço-lhe que conserve as minhas instalações hidráulicas, pois são as minhas veias, onde corre o precioso líquido.

Igualmente as instalações elétricas, fazem parte do meu sistema nervoso.

Também lhe peço que cuide de meus sanitários: são as minhas partes mais íntimas e gostaria sempre de mantê-las limpas e higienizadas.

Veja também em cada planta uma verdadeira jóia que carrego e me adorna.

Ainda lhe peço um pouquinho mais que olhe o professor com ternura, pois ele é o meu cérebro e pode pensar por mim.

Com a mesma ternura, lance seus olhos para a Direção, que é minha coluna vertebral que sustenta e mantém em pé todo o meu peso.

Que cada funcionário seja visto por você como meus pés e minhas mãos, que se movam para auxiliá-los.

E você, querido aluno, é meu coração que pulsa e se agita dentro de mim, a maior razão de minha existência, dando-me tanta vitalidade.

Não me condene a ser uma velha abandonada e inútil, e amanhã talvez nem existir mais.

Quero estar sempre aqui jovem e bonita para servi-lo e quem sabe a seus filhos e por que não a seus netos.

Autor Desconhecido

A leitura estava sendo feita de forma participativa. A pedido do professor, cada aluno lia um trecho do texto em voz alta. Em outro momento, o professor me relatou que havia pedido a leitura dessa forma para avaliar a forma como os alunos estavam lendo. Esse tipo de diagnóstico é importantíssimo de ser realizado, no início do ano letivo, pois com base nele os professores podem pensar em estratégias didáticas e planejamentos que auxiliem na aprendizagem das crianças.

Depois da leitura, o professor conversou sobre o texto, com os alunos, fazendo perguntas simples, como, por exemplo, quem escreveu a carta e para quem era destinada. No fim do texto havia algumas questões para reflexão. Juntamente com a turma o professor respondeu uma por uma. As perguntas eram as seguintes: 1) *Como você vê a escola?* 2) *Como você deve agir na escola?* 3) *O que é mais importante na escola?* 4) *Por que você vem para a escola?* 5) *Você respeita seus colegas? É respeitado?* 6) *Como você gostaria que fosse a escola?* 7) *O que é liberdade para você?* 8) *O que é disciplina?*

A turma me pareceu ser bem tranquila, talvez porque ainda seja o segundo dia de aula do ano.

No dia anterior, o professor havia prometido ensinar uma dobradura de coração. Então, esta foi a próxima atividade da turma. O professor entregou uma folha em branco para cada um e deixou que pintassem da cor que queriam. E antes mesmo que tivessem feito a primeira dobra o sinal para o intervalo tocou.

Quando voltaram do intervalo, o professor esperou que todos terminassem de pintar a folha e somente depois disso começou a ensinar a dobradura aos alunos. Quando terminaram a dobradura faltavam apenas alguns minutos para que a aula fosse encerrada.

Portanto, o professor pediu que guardassem o material e esperassem o sinal tocar para que pudessem ir embora.

Dia 18/02/2013 (segunda-feira) – Trabalhando texto em sala de aula

O professor iniciou a aula fazendo a chamada. Em seguida deu início à aula de português e para isso, escreveu no quadro “Um bicho bem porcalhão” e fez várias perguntas aos alunos incentivando-os a descobrir o bicho porcalhão ao qual o texto fazia referência e disse que quem acertasse ganharia uma caixa de bis. À medida que os alunos iam falando os nomes de animais que eles achavam ser o bicho porcalhão, o professor ia anotando no quadro as sugestões. Com isso o professor estava trabalhando a capacidade de inferência dos alunos, ou seja, estava estimulando a previsão do sentido do texto, apenas pela leitura do título. Assim o professor, como mediador da leitura, estava de forma sutil, conferindo maior importância ao texto. Pois no momento da leitura, depois de terem citado tantos animais como exemplo, os alunos estavam curiosos para saberem se tinham acertado o bicho porcalhão e mesmo depois de terem descoberto, ficaram curiosos para saber o porquê de aquele animal ser um bicho porcalhão.

Quando os alunos disseram não ter mais nenhum animal em mente o professor começou a ler o texto e pediu bastante atenção, então, todos fizeram silêncio para escutar. O texto falava que o homem, o ser humano é o bicho mais porcalhão e faz mais porcaria do que o porco, porque prejudica os outros animais e no caso do texto vários leões marinhos haviam morrido por causa de um vazamento de óleo no mar. O professor aproveitou para falar que não é só o mar que não devemos poluir, mas também toda a natureza e até mesmo a sala de aula, a nossa casa, a escola, etc. E então passou o texto no quadro para que os alunos copiassem. Eu também copiei o texto e o coloco aqui para vocês, tal qual o professor passou no quadro:

Folhinha, 11/09/1997

Um bicho bem porcalhão

Fernando Bonassi

Esta semana eu vi um filme sobre genética. Genética é aquela ciência que estuda como e por que a gente é assim parecido com os pais da gente...

A cada dia que passa, os cientistas percebem que têm pedacinhos de nós que são semelhantes aos mesmos pedacinhos do resto dos animais e, incrível, até das plantas!

Acontece que, na semana passada, um navio derrubou um monte de óleo no Uruguai, aí do lado, logo embaixo do mapa do Brasil. Lá vivia uma família de leões marinhos, e muitos deles morreram.

Aí quando isso aconteceu, eu me lembrei do filme... Fiquei pensando que, já que a gente é tão parecido com tanta coisa diferente na natureza, quando morre um leão-marinho, morre um pouquinho de mim e de você também.

Tá certo que as fábricas e os carros precisam do óleo que os navios levam de um lado para o outro, mas eu não sei por que deixam cair tanta sujeira no mar.

O que eu sei é que estragar a casa daqueles leões-marinhos do Uruguai que estavam lá descansando na praia, não tem desculpa! Esse é o tipo de coisa que só um bicho bem porcalhão, mais porcalhão que os porcos, só um bicho como o homem faz...

O sinal para o intervalo tocou e o professor pediu que guardassem o material, pois terminariam de copiar quando voltassem.

Quando o intervalo acabou e os alunos voltaram para a sala, o professor deixou que terminassem de copiar o texto do quadro. Como muitos alunos já haviam terminado e somente alguns poucos ainda estavam copiando, o professor entregou a cada um uma folha em branco. Em seguida, ele fez um risco com caneta hidrocor na folha e disse que eles deveriam fazer um desenho a partir daquele risco. Depois, o professor trouxe para sala um saco cheio de gibis e alguns poucos livros literário e disse aos alunos que eles poderiam lê-los quando terminassem de desenhar e pintar.

Quando todos os alunos terminaram as duas atividades, o professor passou, no quadro, o exercício referente ao texto “Um bicho muito porcalhão”, para copiarem.

Foram estas as questões do exercício:

- 1) Quem é o autor do texto?
- 2) Quantos parágrafos há no texto?
- 3) No texto são citados dois meios de transporte. Em que parágrafo? Quais?
- 4) Em que parágrafo pode-se descobrir quem é o bicho porcalhão citado no título do texto?
- 5) Em que ano o texto foi publicado?
- 6) Calcule a “idade” do texto.

7) Em que mês o texto foi publicado?

- Escreva os meses do ano em ordem cronológica
- Escreva os meses do ano em ordem alfabética

Antes que o sinal para irem embora tocasse, o professor leu e explicou cada questão aos alunos. Aproveitando para dizer que o texto se tratava de uma reportagem, pois havia sido publicado em uma parte do jornal a Folha de São Paulo destinada a crianças e por isso se chamava Folhinha e que a data que eles haviam copiado antes do título era a data em que o texto havia sido publicado. Também os ensinou a calcularem a “idade” do texto, usando como exemplo o ano de nascimento de alguns alunos da sala e o seu próprio. Explicou ainda o que é ordem cronológica e ordem alfabética. Então, o professor deixou essa atividade como sendo dever de casa e em seguida fizeram fila para irem embora.

É possível verificar que as questões do exercício proposto pelo professor não proporcionam o letramento dos alunos no sentido de uma leitura crítica.

Dia 19/02/2012 (terça-feira) – Continuação da aula anterior

O professor deu início à aula fazendo a chamada. Depois disso, retomou o texto da aula de ontem lendo-o com os alunos. Em seguida, corrigiu com a turma o exercício que havia passado na aula anterior. Então, o sinal para o intervalo tocou.

Quando voltaram, o professor terminou de passar no quadro a atividade que tinha começado na aula anterior:

8) Explique o que você entendeu por genética depois de ler o texto.

9) Leia e faça o que se pede:

A genética estuda por que *a gente* é parecido com os pais *da gente*.

- a) Reescreva a frase substituindo “a gente” por “nós” e “da gente” por “nossos”. Faça todas as alterações necessárias.
- b) Na sua opinião, por que Fernando Bonassi, o autor do texto, preferiu escrever “a gente” no lugar de “nós”?

10) Explique o que você entendeu por:

“Tem pedacinhos de nós que são semelhantes aos mesmos pedacinhos do resto dos animais”

11) Com qual animal você se acha mais parecido? Por quê?

12) O autor afirma que quando um leão-marinho morre, todos nós, seres humanos, também morreremos um pouco. Você concorda? Explique.

- 13) Como você se sente quando sabe que um animal morreu por causa de uma ação do homem?
- 14) Para quem o autor escreveu o texto “Um bicho porcalhão”? Com quem ele está conversando?
- 15) Desenhe no caderno como você imagina a cena do navio petroleiro derramando óleo no mar.
- 16) Vocês citaram alguns animais que poderiam ser o bicho porcalhão do texto. Organize-os em ordem alfabética.
Galinha, urubu, cachorro, gato, barata, rato, cavalo, coelho, porco, macaco, lesma

Quando todos terminaram de copiar, o professor leu e explicou as perguntas. Em relação à questão 9, por exemplo, ele explicou que *a gente* é um modo informal e que pode ser substituído por *nós*. Também falou sobre a diferença de um texto formal e de um texto informal. Explicou que o autor havia escrito esse texto de forma informal por que essa parte do jornal em que o texto foi publicado é destinada às crianças e, portanto, se ele escrevesse de uma forma mais complicada, usando palavras difíceis, os alunos poderiam não entender algumas palavras ainda desconhecidas no vocabulário infantil.

Alguns alunos responderam a atividade em sala e os que não conseguiram terminar, o professor deixou como dever de casa.

Dia 21/02/2013 (quinta-feira) – Aula de matemática

O professor começou a aula fazendo a chamada. Ontem, quarta-feira, a aula foi no período da manhã, em horário reduzido. O professor passou contas de adição para que os alunos resolvessem. Como muitos alunos não foram à aula de ontem, o professor repassou as continhas no quadro e deu uma folha branca para os alunos que haviam faltado copiarem. Com essas continhas o professor tinha como objetivo realizar uma avaliação diagnóstica de matemática. Para os alunos que compareceram à aula do dia anterior o professor deu a capa do caderno de matemática para pintarem.

Uma bolsa com gibis e livros foi trazida novamente pelo professor para os alunos lerem quando terminassem as duas atividades. O professor como mediador e, portanto, incentivador da leitura deveria ter explorado um pouco mais esse momento. Não basta apenas

que os livros ou gibis sejam entregues. É preciso que o(a) professor(a)³ explore e aproveite todas as oportunidades que surgirem para despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Esse poderia ter sido um bom momento de apresentar a leitura de modo leve e livre, onde os alunos, como leitores-aprendizes, estariam lendo sem imposições, mas conforme seus interesses e preferências (OLIVEIRA, 2012, p. 44).

Depois do intervalo, o professor passou no quadro continhas de subtração para que os alunos copiassem e resolvessem. Quem terminava de resolver a atividade pegava um gibi ou um livro para ler. Se a promoção da leitura houvesse ocorrido de forma mais eficaz é possível dizer que os alunos ficariam ansiosos em terminar rapidamente a atividade, para assim, se entregarem à leitura. Não pude perceber essa ansiedade. Mas é preciso que fique aqui esclarecido que não é possível julgar a intenção dos alunos, apenas observando. Essa foi a impressão que tive e pude perceber.

O professor avisou à turma que a sala de leitura só seria usada depois que os livros didáticos fossem entregues. Esses livros são entregues pelo Ministério da Educação – MEC às escolas e estavam sendo guardados na sala de leitura, por esse motivo, a sala ainda não estava sendo usada. O professor explicou ainda que a direção, juntamente com o corpo docente da escola, faria uma reunião para organizar e dividir os horários de uso da sala.

Dia 22/02/2013 (sexta-feira) – Gabriel, o pensador também escreve livros

Antes de fazer a chamada o professor escreveu no quadro: “Um garoto chamado Rorbeto – Gabriel, o pensador” e disse aos alunos que não precisavam escrever nada no caderno. Então, fez a chamada e em seguida mostrou para eles o livro do Gabriel, o pensador, que leva esse título. Pediu que lessem o que ele tinha escrito no quadro e todos leram Roberto ao invés de Rorbeto e o professor os corrigiu e disse que o nome dele era diferente assim mesmo. Ele então, perguntou aos alunos se sabiam quem era Gabriel, o pensador, e todos os alunos disseram nunca ter ouvido falar nele. Por isso, o professor contou um pouco da história dele. Disse a eles que ele era um cantor de rap, mas cantava um rap meio diferente do que eles estão acostumados a ouvir. Fazendo isso, o professor estava contextualizando o autor do livro para os alunos e poderia estar tornando a leitura mais significativa, pois, muitas vezes quando vamos ler um livro do qual já conhecemos e gostamos do autor, tendemos a gostar ainda mais da obra. De certa forma, o professor também

³ Faço referencia aos professores de forma geral e não somente ao professor que foi observado

estava mediando a compreensão da obra, pois a partir da descrição que ele apresentou do autor, as crianças relacionarão a linguagem utilizada por ele para escrever o livro com a linguagem despojada utilizada por rappers. Como na parte do livro em que os colegas de classe de Rorbeto utilizam expressões tais como: maneiro, chocante.

Durante a realização desta atividade, o professor contou aos alunos que aquele era um livro que ele tinha ganhado do padrinho, pois este sabe o quanto o afilhado gosta de ler. O professor também disse que tinha pelo livro um apreço muito grande. Considero interessante a postura do professor, pois demonstrou ter gostado do livro por ter ganhado de uma pessoa especial e também, por ter evidenciado o gosto que ele tem pela leitura. Portanto, houve maior significância na hora de contar a história à turma.

Depois, o professor perguntou se eles sabiam quem é Ziraldo e mais uma vez, todos disseram que não. E então, ele perguntou se os alunos sabiam quem era o menino maluquinho e grande parte da turma levantou a mão dizendo que sim. O professor falou que Ziraldo foi quem escreveu o menino maluquinho e que é um escritor muito conhecido, ele gostou tanto do livro de Gabriel que é ele quem faz a apresentação.

O professor disse aos alunos que o livro é todo escrito de forma diferente, porque é escrito com rimas. E para mostrar às crianças o que é uma rima, pediu que alguém cantasse uma música. Um dos alunos cantou enquanto o professor escrevia a letra da música no quadro, depois disso mostrou e frisou as partes que rimavam. Fazendo a identificação das rimas da música, o professor, estava proporcionando aos alunos consciência fonológica, ou seja, estava de certa forma, fazendo-os compreender as sílabas e fonemas numa palavra com base na percepção que se tem a partir do som da fala.

Em seguida, o professor pediu aos alunos que prestassem bastante atenção à história e fizessem silêncio para escutar. Daí ele leu o livro de forma bem divertida, despertando o interesse dos alunos pelo livro. Algumas vezes ele não completava a frase, deixando que os alunos o fizessem, adivinhando a resposta, a partir das rimas elaboradas pelo autor. Como, por exemplo, na parte em que o professor leu: “Crianças aprender a pensar e ele aprendeu desde cedo. Também aprendeu a contar usando a ajuda...” ao que as crianças completaram em coro: “dos dedos”.

No fim da história o professor perguntou: “Por que o nome dele era Rorbeto?”. Ao que todos responderam em coro: “Porque o pai dele era analfabeto”. Ficou até engraçado, porque acabou rimando. O professor continuou conversando com eles sobre a história, fazendo perguntas e os incentivando a falar. Souza; Serafim (2012, p. 41) vão nos dizer que

“elaborar questões para permitir aos alunos perceberem as entrelinhas do texto é um ótimo recurso para desenvolver a compreensão leitora e deveria ser uma prática mais comum na escola”. Sendo assim, o professor estava atuando como mediador da leitura, verificando se os alunos haviam entendido o livro. E se algum aluno ficou sem entender alguma parte, ou entendeu parcialmente, naquele momento de mediação, o professor poderia perceber e esclarecer as dúvidas.

Como atividade, o professor pediu que recontassem a história e explicou que recontar quer dizer contar com as próprias palavras. O reconto é um recurso que proporciona ao aluno refletir sobre o livro que foi lido. Também é um tipo de atividade que faz com que o aluno construa um novo texto, no qual deverá se utilizar de elementos como: coesão e coerência, sequência lógica, descrição dos personagens e fatos ocorridos, proporcionando assim o letramento literário além de estar contribuindo para a fixação da história.

Para isso, ele entregou uma folha branca a cada um para que fizessem rascunho e somente depois escrevessem no caderno. O professor disse aos alunos que o rascunho é importantíssimo porque é nele que a gente coloca nossas ideias e se mudamos de ideia podemos rabiscar.

Hoje o professor também trouxe gibis e livros para os alunos lerem quando terminassem as atividades.

Depois do intervalo alguns alunos ainda não tinham terminado o reconto. Portanto, o professor pediu que terminassem em casa e então pediu que pegassem o caderno de matemática, pois fariam a correção do dever de adição da aula do dia anterior. Para isso, o professor chamou os alunos ao quadro para que armassem e resolvessem as continhas. E assim, fizeram as correções.

Em seguida, o professor explicou o que é ordem crescente e decrescente e também o que é ímpar e par e então, passou uma atividade com esse conteúdo. Depois disso a aula foi encerrada.

Dia 25/02/2013 (segunda-feira) – Mudança para o 3º ano

Hoje a coordenadora me levou até o 3º ano B e me apresentou à professora que me apresentou à turma. Sentei-me no fundo da sala para não atrapalhar a aula e não chamar tanto a atenção das crianças. São 33 alunos matriculados com idade entre 7 e 10 anos.

A professora iniciou a aula com um caloroso “boa tarde” que foi respondido com o mesmo entusiasmo pelos alunos. Daí ela perguntou o que eles haviam feito no fim de semana e deu a oportunidade de falar para quem quis participar.

Em seguida, a professora fez a chamada e depois passou nas mesas olhando quem tinha feito o dever de casa. Depois disso, fez a correção do dever com eles.

Passou como atividade a capa do caderno de história para pintarem. E depois disso foram para o intervalo. Quando voltaram a professora pediu que quem ainda não tinha terminado a atividade terminasse logo, pois teriam outro dever a cumprir.

Depois que todos acabaram, a professora chamou cinco alunos para se sentarem nas cadeiras da frente. Esses alunos não haviam ido à primeira semana de aula, quando a professora realizou um ditado como avaliação diagnóstica, para saber em que nível alfabético os alunos se encontravam. É importantíssimo que os professores realizem esse tipo de avaliação com os alunos para preverem o que estes já sabem e ainda perceberem as dificuldades que estão tendo. Dessa forma, será possível planejarem atividades que permitam o avanço dos educandos.

Para os outros alunos, a professora entregou a capa do caderno de geografia para pintarem. Quando os cinco alunos terminaram o ditado a professora deu a eles a capa do caderno de geografia para pintarem. Depois que todos terminaram a atividade, a professora perguntou aos alunos que, se ela embarlhasse as letras de um nome no quadro eles acertavam.

Ela então embaralhou vários nomes e eles conseguiram acertar. Depois disso, ela deu a eles uma atividade para desembaralharem os nomes e deixou que fizessem grupos para fazerem o dever. Com essa atividade, a professora como mediadora, estará contribuindo na aquisição da aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética dos alunos. Pois, a partir de então, começarão a perceber que para se escrever uma palavra (ou no caso da atividade, um nome) é preciso que as letras estejam organizadas de forma correta. Caso contrário, se mudarmos uma letra de lugar, a palavra (ou o nome) não será a que se pretende escrever.

Em seguida, a professora corrigiu com eles a atividade e pediu que a colassem no caderno de português e depois guardassem o material.

Ainda havia um tempinho antes de encerrar a aula, por isso, a professora brincou com eles de telefone-sem-fio e falou para eles que não devemos fazer fofoca, porque no último sempre chega uma história maluca.

Dia 26/02/2013 (terça-feira) – Antecessor e sucessor

Hoje a professora disse aos alunos que teriam parque e, portanto, precisariam fazer silêncio para terminarem todas as atividades a tempo.

Em seguida, fez a chamada e entregou a cada um uma atividade avaliativa, para testar o nível de conhecimento da turma. A professora disse a eles que deveriam fazer do jeito que sabiam. Ela lia uma questão e esperava até que todos a tivessem respondido e assim, realizaram juntos a atividade. Quando terminaram, a professora entregou outra atividade. Nessa, eles tinham que escrever os números por extenso.

Foram para o intervalo e, quando voltaram, a professora deixou que terminassem a atividade e depois corrigiu com eles escrevendo no quadro. Em seguida, explicou o que é antecessor e sucessor. Daí ela colocou vários números no quadro e chamou os alunos para irem até lá colocarem o antecessor e o sucessor.

Para mostrar aos alunos como é importante o lugar que o número fica, a professora fez uma brincadeira com eles. Escolheu um aluno e pediu que ele saísse da sala, e então, mudou quatro pessoas de lugar. Quando o aluno voltou ela perguntou o que tinha mudado na sala e depois de muito observar ele percebeu que os colegas haviam mudado de lugar. Depois disso ela pediu que duas alunas saíssem da sala e avisou que dessa vez seria mais difícil. Então, enquanto as alunas estavam fora da sala, a professora trocou dois alunos de lugar, pediu que duas meninas trocassem a tiara do cabelo e ainda pediu que um aluno se escondesse na última fileira de cadeiras, onde as colegas não pudessem vê-lo. Quando elas voltaram, demorou um pouco para que percebessem as mudanças que tinham sido feitas, mas com as dicas da professora elas conseguiram acertar.

Daí a professora explicou que assim como a sala fica diferente quando mudamos alguma coisa os números também. O número 24, por exemplo, não pode vir antes do 23. Por isso, cada coisa deve estar no seu devido lugar. Para reforçar, a professora passou uma atividade onde deveriam colocar o antecessor e o sucessor de cada número. Depois que terminaram a atividade, a professora a corrigiu no quadro.

Nesse dia estava chovendo um pouco, mas na hora do parque a chuva havia dado uma trégua, portanto a professora os levou até lá, mas avisou que se caísse uma gotinha do céu voltariam para sala. E foi o que aconteceu. No parque, a chuva recomeçou e, portanto, voltaram para a sala e continuaram fazendo a tarefa que a professora tinha passado que era escrever os números de 0 a 200.

Dia 27/02/2013 (quarta-feira) – Reforçando o antecessor e o sucessor

Depois da chamada, a professora passou uma atividade em que deveriam completar com os números que estavam faltando.

Em seguida, distribuiu números de 1 a 32 (pois era o total de alunos na sala naquele dia) para toda a turma. Ela disse que o nome deles passaria, a partir de então, a ser o número que acabaram de receber. Então, posicionou-se em frente à turma e disse: “Eu sou o número zero”, daí o aluno que tinha pegado o número um ia até a frente e dizia em voz alta: “Eu sou o número um” e assim por diante até chegar ao número trinta e dois. Um grande círculo foi formado e a professora perguntava aleatoriamente: “Fulano quem é você e qual o seu antecessor e o seu sucessor?”. Daí o aluno falava e com isso apreendia o que estava falando.

Depois do intervalo outra professora veio para a sala, porque a professora regente estaria aplicando a provinha Brasil em outra sala. Essa professora passou no quadro um texto pequenininho intitulado “Zebra” e passou uma atividade onde deveriam escrever as palavras do texto que começavam com “S”, depois com “P” e em seguida marcar a alternativa que indicava o assunto que o texto tratava. Depois de um tempo a professora regente voltou e corrigiu com eles a atividade.

O texto e a atividade, transcrevo abaixo:

Zebra

Quando se pergunta à zebra se ela é branca ou se ela é preta, não sabendo reponder, sempre faz uma careta.

Atividade:

1. Responda:

- a) Escreva abaixo as palavras que começam com a letra “S”*
- b) Escreva abaixo as palavras que começam com a letra “P”*
- c) Marque um X na resposta certa:*

O texto fala sobre...

- A idade da zebra*
- As cores da zebra*
- O nome da zebra*

Esse tipo de estratégia é utilizado para apropriação do Sistema da Escrita Alfabética, a qual “focaliza a atenção do estudante na unidade da palavra (BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional, 2012, p. 10)”. Ou seja, direciona a atenção dos alunos para questões específicas, como a letra inicial da palavra comparando-as quanto à grafia e a sonoridade. Cabe destacar ainda, que esse tipo de atividade contribui para a alfabetização, mas não para o letramento.

Dia 28/02/2013 (quinta-feira – Tarde) – Livro literário como estratégia

Hoje a professora começou a aula mudando a forma como as carteiras estavam dispostas na sala. As carteiras ficavam separadas em três blocos com duas fileiras cada. Duas no canto esquerdo, duas no centro e duas no canto direito. A professora, então, dividiu a fileira do meio formando dois blocos com três fileiras. Assim a sala ficou mais espaçosa. Em seguida, a professora fez a chamada.

Para casa, a professora havia passado uma atividade que trabalhava os nomes, daí ela falou que alguns nomes possuem uma história e então, ela contou a história do dela. Depois perguntou aos alunos quem tinha uma história para contar de como os pais haviam escolhido seu nome. Disse ainda, que era importante termos um nome para que as pessoas pudessem nos chamar. Depois mostrou a eles um livro e disse que o personagem se chamava “Lino”. Dessa forma, a professora estava preparando a leitura, tornando a história do livro mais significativa.

A professora então, leu o livro para os alunos e depois, separou as sílabas do nome Lino e perguntou a letra que o nome dele começava. Depois perguntou se na sala havia alguém que também começava com a letra L. Ela também mostrou que a coelha, amiga de Lino, também tinha o nome começado com L, o nome dela é Lua. Em seguida, ela passou uma atividade em que os alunos tinham que pintar as letras dos seus nomes e depois escrever o nome completo e por fim, escrever a sílaba que o nome começa, depois a sílaba que termina o nome e quantas sílabas havia no nome. Mais uma vez, podemos perceber a professora trabalhando com as crianças conceitos para apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

Hoje a professora também foi aplicar provinha Brasil na outra sala e a mesma professora de ontem veio substituí-la. Quando os alunos terminaram a atividade a professora deu outra tarefa que também trabalhava os nomes. Eles tinham que colocar vários nomes, que

estavam misturados, em ordem alfabética. Para tanto, a professora explicou no quadro o que era ordem alfabética.

A professora regente, então, voltou para a sala e explicou mais uma vez o que era ordem alfabética, pois as crianças continuavam com muitas dúvidas.

Foram para o recreio e quando voltaram continuaram fazendo a atividade. Alguns alunos continuaram com dificuldade de colocar os nomes em ordem alfabética. A professora, então, esperou até que a maioria da turma terminasse a atividade e fez a correção colocando no quadro os nomes em ordem alfabética, aproveitando para explicar mais uma vez.

Em seguida, passou outra tarefa onde os alunos deveriam completar algumas palavras com as vogais que estavam faltando. A atividade acabou ficando como dever de casa, pois não deu tempo de todos terminarem na sala.

A atividade foi esta:

- 1) Complete as palavras com as vogais que estão faltando:

B_CA

C_D__D__

C_RRO

B_L__

Q__DR__

_RM_R__

F_LH__

_P_G_D_R

_SC_V__

- 2) Desenhe e escreva uma frase com cada palavra abaixo:

- Boliche
- Lixeira

Percebe-se que a ênfase da professora é no trabalho com a apropriação do Sistema de Escrita Alfabético. O letramento, que poderia ser aprofundado a partir da leitura do livro literário, não foi bem trabalhado pela professora.

Dia 01/03/2013 (sexta-feira) – O livro literário mais uma vez usado como estratégia

A professora começou a aula organizando a sala e separando os alunos que mais conversam. Depois disso corrigiu o dever da aula anterior. Fez a chamada e, em seguida, perguntou aos alunos se eles sabiam o significado da palavra “valores”. Um aluno respondeu que era a mesma coisa que dinheiro e outra disse que quando ganhamos alguma coisa devemos valorizá-la. Daí a professora mostrou imagens que mostravam valores como: respeito, amizade, coragem e companheirismo. “É sabido que as crianças são leitoras vorazes de imagens, e essas passam a ter a função de encantar e despertar o interesse das crianças para a leitura (OLIVEIRA, 2012, p. 41)”. Porém, esta sala de aula é bastante cheia, então quem se sentou muito atrás não pôde ver as imagens e, conseqüentemente, não realizou a leitura destas. A professora poderia ter pensado em estratégias como andar por entre as carteiras mostrando as imagens a todos ou então, poderia ter colocado as crianças para se sentarem em círculo, mesmo que isso fosse dar um pouco mais de trabalho por conta da movimentação das carteiras.

Ela, então, leu um livrinho da Coleção Itaú Criança que trazia a história dos três porquinhos e pediu que as crianças prestassem atenção nos momentos em que os valores citados acima apareciam na história. Quando terminou de ler, a professora entregou uma atividade em que as crianças deveriam fazer uma redação utilizando os valores já mencionados.

Quando voltaram do intervalo, a professora continuou conversando com eles sobre valores e pediu que dessem exemplos de atitudes que expressavam valores. Depois disso, separou a sala em grupos, distribuiu folhas brancas e revistas e pediu que fizessem uma colagem que mostrasse alguns valores. Quando terminaram, fez um grande grupo e apresentou a colagem dos alunos que quiseram mostrar. Passou dever de casa e encerrou a aula.

Em geral, os alunos construíram colagens com valores financeiros. Muitos colaram celulares, carros, computadores e até mesmo comida (um hambúrguer grande e apetitoso). As crianças estavam colando o que tinha valor para elas, colavam as coisas as quais elas queriam possuir. Pude perceber, portanto, que os objetivos propostos pela professora de mediar a discussão e a compreensão de valores morais não foram alcançados. Talvez isso se deva ao fato de o livro não tratar tão claramente sobre os valores que a professora pretendia e os alunos, então, não conseguiram associar respeito, amizade, coragem e companheirismo à história que foi lida dos três porquinhos. De fato, nessa versão da história, o único valor evidente, desses mencionados acima, é a coragem demonstrada pelo

último porquinho ao enfrentar o lobo. No fim, a moral da história é ensinar que não se deve ter preguiça.

Dia 04/03/2013 (segunda-feira) – Encontros vocálicos

A professora iniciou a aula organizando a turma e separando os conversadores. Em seguida fez a chamada e na sequência entregou uma folha para cada um, pois fariam ditado. Portanto, pediu silêncio absoluto para não interromperem e nem atrapalharem.

Depois disso, pediu que os alunos colocassem o caderno de dever de casa na mesa para que ela olhasse a atividade que havia passado na sexta.

Foram para o intervalo e quando voltaram a professora passou no quadro o alfabeto maiúsculo e minúsculo. Depois que todos terminaram de copiar, ela leu com eles o alfabeto, circulou as vogais e falou que o que ficou sem circular se chamam consoantes. Depois disso, explicou o significado de encontros vocálicos dizendo que eles têm esse nome por fazer referência ao encontro de vogais. E então, colocou no quadro exemplos como: au, ui, oi, ei, etc. Daí ela chamou dois alunos e disse que um seria a letra “a” e o outro a letra “i”, pegou na mão dos dois e disse: “Era uma vez a letra “a” e a letra “i”, um dia eles estavam passeando e de repente se encontraram (disse isso juntando a mão dos dois)”. E perguntou aos alunos: “E então, o que eles formaram?”. Ao que todos responderam: “Ai!”. Repetiu o exemplo com outros alunos formando “Oi” e depois com outros quatro, formando “ioiô”. Em seguida, passou uma atividade de folha que consistia em escrever o alfabeto maiúsculo e minúsculo no corpo de uma centopeia.

Depois dessa atividade, a professora entregou outra em que eles tinham que treinar os encontros vocálicos. E em seguida passou um texto de Solange Valadares de título “Alfabeto” e pediu que copiassem do quadro:

Alfabeto

As letras do alfabeto

Vamos hoje recordar

Como nós somos espertos

Depressa vamos pensar.

São cinco as vogais

*E dezoito as consoantes
com as quais juntamos e formamos
palavras a todo instante,
vieram ainda três letras
Do alfabeto participar
Para nos auxiliar
o W, o Y e o K.*

A aula se encerrou e eu me despedi da professora e dos alunos, pois hoje seria o meu último dia de estágio.

3.2 Análise crítica das estratégias utilizadas pelos professores

Diante de tudo o que foi exposto na descrição das observações, é possível concluir que os professores privilegiam atividades que levam os alunos à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, mas não enfatizam práticas de letramento, sendo que o essencial seria alfabetizar-letrando.

Foi possível perceber ainda que, em geral, os professores não contemplaram práticas eficazes para trabalhar a leitura do livro literário. A leitura desses livros deveria ser incentivada pelos professores e, portanto, deveria ter sido mais bem explorada. Por exemplo, no dia 18/2/2013, o professor do quarto ano trouxe uma bolsa com gibis e livros literários que poderiam ter sido apresentados de uma maneira atraente, mostrando os livros e os gibis como algo interessante, que eles desejassem ter e não apenas como um passatempo a ser utilizado enquanto esperavam os colegas terminarem a tarefa. Assim, os alunos ficariam animados e até motivados em terminar as atividades, para em seguida, dedicarem-se ao prazer da leitura.

No dia 22/2/2013, quando o professor do quarto ano trouxe o livro do Gabriel, o Pensador, fez uma ótima introdução, apresentou o livro à turma com entusiasmo, demonstrando seu interesse e afeto pela obra. O que seria sugerido é que esse momento de leitura acontecesse com muito mais frequência, tornando-se rotina das práticas de sala de aula. Assim sendo, chegaria um momento em que os alunos passariam a buscar essas leituras por conta própria, tornando-se leitores autônomos, que é o que mais se espera, com as práticas de ensino de leitura na escola, principal agente letrador literário.

Em relação à professora do terceiro ano, foi possível perceber que sua principal preocupação é com a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética dos alunos, tanto é que as

atividades sugeridas por ela foram todas voltadas para esse fim. É possível observar, ainda, que o livro literário foi sempre utilizado pela professora como pretexto para trabalhar a alfabetização, sem práticas de letramento. Houve leitura do livro literário, mas sem o propósito de explorar o potencial de deleite que o livro poderia proporcionar ou o aprimoramento da competência leitora pelos alunos. O livro nunca foi o foco das atividades propostas pela professora.

Além disso, a escolha do livro deve ser feita de forma cuidadosa, de forma a ser um motivador para trabalhar os objetivos que o professor pretende alcançar. É imprescindível também que o professor o tenha lido anteriormente para, assim, conhecer a história, saber do que se trata e perceber se o livro é adequado ou não para contemplar os propósitos esperados. No dia 1º/03/2013, por exemplo, a professora levou o livro dos três porquinhos para ensinar valores morais aos alunos. Mas a versão da história que ela usou não abordava essa questão com clareza. Portanto, o objetivo proposto, não foi atingido e os alunos não compreenderam o que a professora esperava com a atividade seguinte, que seria a elaboração de colagem construindo valores morais.

A leitura não proporcionou ampliação dos conhecimentos prévios dos alunos, que inferiram que o termo “valores” referia-se somente a “valores monetários”. Para alcançar tais propósitos, a professora poderia ter selecionado um livro mais completo, que abordasse a temática de forma mais aprofundada, para que os estudantes compreendessem o tema “valores morais”. Além disso, observa-se que a mediação realizada pela professora também não proporcionou o alcance dos objetivos. Mesmo que o livro não fosse o mais recomendado para trabalhar o tema, a professora poderia ter aproveitado o assunto, para conversar com os alunos de forma que os levasse a reflexão sobre “valores morais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi analisar a maneira como o professor, no Ensino Fundamental I, apresenta o livro literário ao aluno. Para analisar se esse objetivo foi alcançado, as asserções mencionadas na introdução, serão retomadas e assim, serão confirmadas ou refutadas.

A asserção principal proposta foi que o trabalho com livros literários, em sala de aula no Ensino Fundamental I, tenderá a colaborar para o processo de letramento literário dos alunos sempre que o professor se utilizar de meios que proporcionem a interação do aluno com o livro. As observações feitas permitem confirmar parcialmente essa asserção. Não basta apenas que o professor utilize o livro literário em sala de aula. É preciso que ele, como mediador, promova o letramento literário com compromisso de incentivar os alunos a lerem e despertarem o gosto para a leitura. Tendo em mente que o professor é o principal responsável por contribuir para a formação de alunos que sejam leitores competentes.

A asserção específica 1 foi que livro didático e alguns textos paradidáticos são os únicos materiais de leitura utilizados em sala de aula. Essa asserção também se confirma em partes. Quanto à utilização dos livros didáticos, as observações foram realizadas durante as duas primeiras semanas de aula do ano letivo, quando os alunos ainda não o haviam recebido. Foi possível perceber em relação aos textos paradidáticos, que os professores utilizaram textos impressos ou copiados no quadro.

Além disso, o professor do quarto ano, por exemplo, levava uma bolsa com gibis e alguns livros literários para os alunos se ocuparem quando terminavam as atividades. O livro literário foi utilizado por ambos os professores, mas é preciso que se ressalte que, nos dois casos, esse fato só se deu depois que ficaram conhecendo o objetivo desta pesquisa.

Asserção específica 2: O livro literário não é muito utilizado pelos professores. Estes, raramente se valem de estratégias para trabalhá-lo, uma estratégia muito utilizada é levar os alunos à biblioteca ou à sala de leitura. Durante os onze dias de observação, o livro literário foi utilizado apenas três vezes. Além do mais os professores não se valeram de estratégias para trabalhá-lo. Então a primeira parte da asserção pode ser confirmada.

A última parte da asserção que diz que os professores levam os alunos à biblioteca ou à sala de leitura como estratégia para trabalhar o livro literário não pode ser

confirmada plenamente, pois as observações foram feitas nas duas primeiras semanas de aula, portanto, os horários de uso da sala de leitura ainda não tinham sido definidos.

Podemos refletir, portanto, que a leitura literária ainda não é realizada em sala de aula de forma plena e eficaz. Os livros literários que deveriam ser fonte de leitura deleite, além de despertar para o gosto por leituras em geral não são trabalhados nessa perspectiva. Percebe-se que a principal preocupação dos professores é com a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e o letramento literário não acontece.

Espera-se que, a partir da leitura deste trabalho, os professores alfabetizadores conscientizem-se da importância do letramento literário como um dos direitos de aprendizagem que a escola deve proporcionar aos estudantes e sintam-se incentivados a promover a leitura.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Desde muito nova eu pensava em ser professora. Uma das minhas brincadeiras preferidas era ‘escolinha’. Mas sempre que a ideia de um dia me tornar professora surgia na minha cabeça, eu a repelia, pois sempre ouvi o murmúrio de meus professores a respeito do salário, do desgaste e eu então, pensava que não queria essa vida pra mim. Mas depois de algumas experiências na área de ensino, eu acabei percebendo que era isso mesmo o que eu queria. Portanto, me decidi pelo curso de pedagogia.

Durante o curso me apaixonei mais ainda pela área. Em algumas disciplinas, quando os professores contavam suas experiências, eu sentia vontade de começar a dar aulas imediatamente. Os estágios obrigatórios, também, só me deram a certeza de que eu realmente havia feito à escolha certa. E hoje em dia, eu não me vejo fazendo nenhuma outra coisa que não seja dar aulas, ensinar e todas as outras coisas que vêm no pacote para ser professora. Como bem coloca Marlene Carvalho (2011, p.17) “[...] a professora é ao mesmo tempo mediadora, juíza, apaziguadora, estimuladora, autoridade responsável pela segurança física, animadora da aprendizagem, ombro amigo e, às vezes, mãe substituta. Além disso, tem que ensinar a ler e escrever”.

Agora, com a conclusão do curso, o que eu pretendo é atuar em alguma escola particular para adquirir mais experiências enquanto espero abrir o concurso da Secretaria de Educação. E esse é um objetivo concreto.

Também tenho o desejo de participar, nem que seja por um ano, do Projeto de Educação Pré-Escolar (PEPE), da Junta de Missões, no Haiti ou em algum outro lugar. E esse é um objetivo ainda incerto. Mas, assim como todos os meus planos, está nas mãos de Deus. Afinal, “as pessoas podem fazer planos, porém é o Senhor Deus quem dá a última palavra” (Provérbios 16:1 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

REFERENCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BOJUNGA, Lygia. **Livro, um encontro com Lygia Bojunga**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Agir Editora, 1988
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização para todos: diferentes percursos, direitos iguais: ano 01, unidade 07**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conceitos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. Acesso em: jun. 2013.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Alfabetismo funcional**. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por>. Acesso em: jun. 2013.
- KLEIMAN, Angela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). **Histórias de leitores**. Brasília: Ed. UnB, 2006.
- OLIVEIRA, Thaís de. **Letramento Literário – A mediação da leitura de obras literárias no processo de leitores competentes**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Março de 2012.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte. 2006.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOUSA, Arlinda Alves de. **Desenhando o arco-íris com carvão**. In: LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). **Histórias de leitores**. Brasília: Ed. UnB, 2006.
- SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de; SERAFIM, Mônica de Souza. **A mediação da leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a das palavras**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) ...[et al.]. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ZACCUR, Edwiges (org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?** Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.